

MIGRAÇÕES E FRONTEIRAS

Uma análise das identidades étnicas nacionais diante das convergências e divergências sobre a imigração germânica

Gilson Costa de Aguiar*

Entre os temas de maior repercussão na atualidade, o processo de deslocamento das correntes migratórias e as questões a elas ligadas, têm resultados em discussões polêmicas e debates que compreendem não só a busca do entendimento destas correntes migratórias em seus diversos contextos mas, também, a análise das conseqüências por elas provocadas nas diversas regiões atingidas. Esta questão tem sido abordada, com certa relevância, pelas diversas áreas das ciências humanas como a história, sociologia, antropologia, etnologia e psicologia social. Dada a importância que estas áreas tem atribuído à questão nos perguntamos: *o que levou e, ainda hoje, leva este tema a ser abordado com tanta ênfase pelas diversas áreas das ciências humanas?*

O contexto mundial que nos é contemporâneo se apresenta como a melhor resposta. Em que qualquer lugar que se estenda o olhar mais atento, onde exista uma sociedade humana, o processo de migração se faz sentir seja de forma intensa, em grandes fluxos, ou em levas de homens.

Em vários continentes a busca de romper com as fronteiras econômicas, ao mesmo tempo em que permite um deslocamento maior de indivíduos entre as fronteiras nacionais, provoca uma corrida para os centros mais desenvolvidos. Um exemplo desta questão, foi o fim do “bloco socialista”, onde as economias debilitadas do leste europeu alimentaram a emigração para a Europa Ocidental, visando a busca de melhores condições de vida. Nesta busca os diversos grupos étnicos que compunham muitas destas nações iniciaram a reorganização de seus espaços, promovendo uma guerra civil.

Contudo, nas últimas décadas do nosso século, os conflitos étnicos, culturais e nacionalistas atingiram, não só o leste europeu, mas também outras partes do globo. Na África, os grupos tribais buscam resgatar a

* Mestre em História e Movimentos Social - Mentalidade pela Universidade Estadual Paulista de Assis/ SP, Doutorando em Mentalidade – Religião e Professor de Sociologia e Antropologia no Centro Universitário de Maringá - CESUMAR.

composição do espaço nacional, sustentada na ordem das civilizações pré-coloniais, onde a língua e etnia falam auto. No Oriente Médio, os grupos de tendências étnica árabe, respaldados pelos fundamentalistas islâmicos, aprofundam o conflito contra cristãos, mas principalmente judeus, onde as negociações de paz entre Israel e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) iniciadas em 1994, esbarram na resistência de grupos radicais. Na Ásia, as lutas religiosas são constantes em relação ao hinduísmo e os muçulmanos, como também na formação dos Estados Nacionais durante e depois da Guerra Fria, como é o caso da Coréia do Sul e do Norte.

A luta entre o elemento que se diz nativo e o estrangeiro, está em todas as nações, como já ressaltamos. Nos Estados Unidos, a grande leva de latinos que migraram para o país, principalmente nas décadas de 40 e 0, apresentam focos de debates sobre o futuro cultural da nação norte-americana. Em entrevista ao Caderno MAIS da Folha de São Paulo, por ocasião do lançamento do livro “Alien Nation”, Peter Brimelow, faz a defesa do controle migratório para os Estados Unidos da América, onde considera uma ameaça a integridade nacional a penetração mássica de imigrantes, afirmando que... *“Atualmente cerca de 2% dos americanos nascidos no país sequer falam inglês. Não existe maior ameaça à integridade nacional de uma nação de que a ausência de uma língua comum. Sem falar nas diferenças de costumes e religião”*. (1995:04)

A questão da imigração, que abala os norte americanos, pode ser expressa com maior evidência na argumentação de grupos que defendem uma reforma na política de imigração para os Estados Unidos, a *FAIR (Federation for American Immigration Reform)*, que entre outros pontos argumenta...

“Queda do nível de vida. As tendências de imigração são perturbadoras. Os imigrantes de hoje são menos capacitados, menos educados e mais propensos a recorrer à previdência social (censo de 1990). Estudos recentes mostram que imigrantes são mais propensos que os cidadãos a depender da previdência, viver na miséria, receber o `Earned Income Tax Credit` (repasso de parte do imposto de renda recebido pelo governo), ir para a prisão, trabalhar sem seguro de saúde e viver em habitações precárias(...)”. (Ibid.:07)

Alguns autores que trabalham a sociologia, antropologia e etnologia, argumentam sobre a *brasileirização* de diversos países, entre eles os Estados Unidos da América, mas o que vem a ser isto? Segundo o jornalista Michael Lind, na obra *“A próxima Nação Americana”*, seria... *uma cultura*

americana em comum compatível comum sistema de casta informal, no qual a maioria no topo da hierarquia social é de brancos e a maioria de mulatos estará nas camadas baixas- para sempre.'(Ibid.:07)

Na Alemanha, o processo de lutas étnicas e a formação do xenofobismo, são tema constante de discussão, onde muitos consideram a tendência natural de se associar os movimentos étnicos e suas relações sociais aos germânicos. Como trata Enzensberg, a questão não pode ser vista desta forma:

Xenofobia – um problema especificamente alemão? Isso seria bom demais para ser verdade. A solução estaria evidente: isolar a república federal da Alemanha, e então o resto do mundo poderia respirar aliviado. Facilmente se poderia mencionar alguns países vizinhos onde as qualificações para a imigração soam bem mais rigorosas do que na Alemanha. Tais comparações, porém, não levam a nada. A xenofobia é um fenômeno universal, e em lugar nenhum ela é tratada como racionalidade.”(1986:101)

No entanto, esta preocupação das nações em defender suas fronteiras, suas etnias, sua cultura não é algo característico somente deste final de século. Há um século o mundo vivia um processo migratório com um fluxo semelhante a este que vemos na atualidade, mas com algumas particularidades e diferenças que eram resultado de mudanças que estavam ocorrendo nas relações sociais, bem como da compreensão destas pelos indivíduos que eram seus principais agentes. Sabemos que o Brasil teve sua formação social oriunda de diferentes nacionalidades que ocupam o território nacional e, que este elemento imigrante teve um papel fundamental no processo de formação da nação brasileira.

Em alguns momentos este processo de imigração tornou-se mais intenso, provocando debates sobre as suas conseqüências dentro do território nacional, a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, nos parecem um período fértil para a compreensão desta questão, tanto pelo aumento do ciclo migratório, como pela importância dada a questão nos documentos oficiais e na imprensa da época. Como exemplo podemos citar José Veríssimo na Obra “A Educação Nacional”, escrita no final do século passado:

“Nossa raça sentem-no todos, se enfraquece e abastarda sob a influencia de um clima deprimente, piorado pela falta de higiene, pela carência de exercício, pela privação da atividade. Uma propaganda que não quero, como o Sr.

Sílvio Romero, chamar antipatriótica, mas que certo não viu o interesse do Brasil senão por um lado, atraiu e localizou em determinadas regiões do País uma imigração, forte pelo número e vigor, e que melhor valera disseminada por ele todo. Essa propaganda continua e certo continuará a fluir e, em maior número, a imigração, principalmente alemã e italiana. (...) A luta entre esta gente, incomparavelmente mais forte, e nós, não pode ser duvidosa. O campo de combate será primeiramente o das atividades físicas, aquele que exige maior soma de robustez, de força e de saúde, o comércio, a indústria, os ofícios, a lavoura. (...) É, portanto indispensável prepara-nos para, sem recorrer a meios que não conserte a nossa civilização, não nos deixamos abater e esbulhar, a fim de que esta terra, que nossos antepassados criaram e civilizaram, e cuja futura grandeza prepararam, seja principalmente nossa.”(1985:90)

Veríssimo demonstra que o processo migratório é necessário e civilizador como forma de melhorar a raça brasileira, raça essa indefinida por muitos autores ainda hoje. Mas esta compreensão não é unânime entre os autores do período. Sílvio Romero, contemporâneo de Veríssimo, nos mostra uma outra visão deste processo, principalmente quando fala da influência “negativa” o imigrante alemão no sul do país:

“Não sei se o alemanismo no sul do Brasil, que não passa despercebido os escritores europeus, ainda encontrará incrédulos no Brasil, entre levianos e interessados (...). O debate é daqueles nos quais nunca é demasiado insistir e em que se deve entrar munido de todas armas”.(Romero apud Veríssimo, 1985:35)

Podemos considerar que o imigrante era visto como um elemento desejável e civilizador nas regiões de destino e, para muitos autores, como aquele que o imigrante representava uma solução, também era visto como um problema para a manutenção da unidade nacional. Pois os imigrantes europeus, principalmente os alemães, vieram para cá com um forte espírito nacionalista de seu país de origem.

Darcanchy, jornalista e membro da Liga em Defesa dos Aliados (Entenda-se Tríplice Entente), afirmou em 1916: “O alemão é educado para formar em qualquer lugar que esteja, uma futura Alemanha”.(191:23)

Portanto, podemos nos perguntar em que momento a imigração

européia no Brasil se torna objeto de preocupação em relação a unidade e integridade nacional? Quais os elementos que foram focos de discussão enquanto ameaça a esta unidade? Como podem ser avaliadas as ações destes elementos? Como pode ser levantada a fonte para estas considerações?

Estas são algumas das questões que pretendemos levantar em relação ao nosso objeto de estudo, que procurará compreender as discussões entre o regionalismo respaldado na ocupação germânica e a construção de uma mentalidade que norteou a conduta e as considerações do elementos teuto-brasileiros em relação ao Governo Federal; bem como razão do governo nacional em relação aos colonos germânicos.

Dentro deste debate, não temos a pretensão de responder as discussões que durante um século se processam sobre o tema, mas contribuir com a análise de uma das conseqüências do processo migratório ocorrido no Brasil, onde a ocupação germânica no Estado de Santa Catarina e o desenvolvimento de uma ordem cultural, social e política nesta região, influenciaram em debates acerca do germanismo. Outra questão que nos interessa neste contexto é o germanismo e sua importância, tanto na ótica do Estado Federal, como da imprensa nacional e das instituições sociais e comunidade teuto-brasileira de Santa Catarina.

Discutir a questão do elemento germânico e o germanismo em Santa Catarina em relação a ordem nacional, no final do século XIX e início deste século, não é somente retornar ao passado, como quem aprecia a distancia o desenrolar de fatos impossíveis de serem retomados e rediscutidos, ou mesmo definidos por parâmetros meramente quantitativos e lineares, que pouco acrescentariam ao que já tem sido abordado pela historiografia neste século. Mas sim, reavaliar a importância da mentalidade germânica, que ainda hoje ecoa nos seus herdeiros, conhecer o seu processo de discussão enquanto tema central de uma luta entre as comunidades de imigrantes e o Estado Nacional. Esta discussão está presente ainda hoje, mas inconsciente para a maioria dos indivíduos que dela se apropriam. A identidade cultural e étnica construída por estas comunidades teuto-brasileiras em Santa Catarina, podem ter representado uma ameaça aos interesses de uma identidade nacional em construção no final do século XIX e início do século, mas muito mais que um ideário mental, ela foi uma expressa concreta das relações sociais e políticas. As respostas a estas questões nos parecem complexa, mas nossa contribuição, ainda que pequena, é um primeiro passo neste sentido.

“Entre a ação e o pensamento não há separação. Não há barreira estanque. É preciso que a história deixe de vos

parecer como uma necrópole adormecida, onde perpassam apenas sombras despojadas de substancia. É preciso que, ardentes de luta, ainda cobertos de poeira do combate, do sangue coagulado do monstro vencido, penetreis no velho palácio silencioso onde ela dormita, e que, abrindo as janelas de par em par, reacendendo as luzes e reanimando o barulho, acordeis com a vossa própria vida, com a vida quente e jovem, a vida enregelada da princesa adormecida(...).”

Diante disto se torna fundamental repensar o papel do historiador como agente de análise da construção do imaginário social, dar vida ao passado é ato de quem está ferido pelo presente, e de quem se reporta ao amanhã em busca do compromisso com o mundo de hoje.

Muitos têm se preocupado em avançar com debates que procurem entender o papel da nação e dos símbolos de poder do Estado-nação.

As transformações ocorridas no final da década de 80, consolidaram a necessidade de pensar o papel do Estado como agente do poder de transformação social, as quais por muitas vezes são esperadas como resultado de um ato de poder que parta dos dirigentes do Estado, Mas o estado que se legitimou através da unidade da nação, a qual tem parte de seus símbolos de unidade formados nos últimos 200 anos, agora se vê incapaz diante da fronteira que criou.

Repensar seu papel é fundamental.

REFERÊNCIAS

- ANDESON, Benedictg. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ARIÉS, Philippe. *Uma Nova Educação do Olhar* In: *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1980.
- BRASIL, Serviço Nacional de Povoamento: *Relatório: Estado de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1913.
- BINZER, Ina Von. *Meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1994.
- CÁCERES, Florisval. *Historia da América*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1992.
- CADERNO MAIS: O sonho explode. In: *Folha de São Paulo*. 16/07/1995
- CASTRO, Terezinha. *História Documental do Brasil*. São Paulo; Rio de

- janeiro: Record, 1986.
- COSTA, Emília Viotti. *Da Monarquia a República: momentos decisivos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COSTA, João Cruz. *Contribuição a História das Idéias no Brasil*. Coleção Documentos Brasileiros, 86. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.
- DARCANTHY, Raul. *O Pan-Germanismo no Sul do Brasil*. Rio de Janeiro: Liga Brasileira pelos Aliados, 1915.
- DUBY, Georges. *História Social e Ideologia das Sociedades*. In: Lê Goff, Jacques. *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976.
- _____. O Historiador hoje. In: *História e nova História*. Lisboa: Teorema, 1980.
- ECO, Humberto. *Conceito de Texto*. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1984.
- ENZENSBERG, Hans Magnus. *O Vagão Humano*. In: *Veja: 25 anos*. São Paulo: Editora Abril, 1986.
- FEBVRE, Lucien. *Febvre Contra o Espírito de Especialização: uma carta de 1933*. In: *Política*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1978.
- HOBSBAWN, Eric J. *A Era dos Imperios 1914-1918*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- _____. *A Era dos Extremos: breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- IANNI, Octavio. *Imperialismo na América Latina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988.
- _____. *A racialização do mundo*. In.: *Tempo Social: revista de sociologia da USP*. V.8, n. 1. São Paulo: Editada USP, 1996.
- LEFORT, Claude. *As Formas da História*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- LE GOFF, Jacques. *As Mentalidades: Uma História Ambígua*. In: *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976.